

## O IMAGINÁRIO NO COTIDIANO ESCOLAR

Itiane Elena de Mello<sup>1</sup>

Iniciemos como uma indagação: existe lugar para o imaginário no cotidiano de nossas escolas? Bem, partindo dessa questão vamos abordando este que não é um tema inédito, no entanto, merece nossa atenção, pois temos grande responsabilidade de levá-lo ao debate e se ainda não é realidade na maioria de nossas escolas precisamos que o seja.

O vocábulo imaginário no latim se grafa *imaginariu* e significa: imaginação que se compõe por imagens mentais daquilo que a mente (consciência) representa sobre objetos ausentes, isto é a capacidade que todos temos de inventar, criar. Sendo assim, o imaginário é responsável pela união das representações mentais feitas, definindo-se como espaço o qual se localiza a imaginação. Sobre o imaginário Durand afirma:

A ideia e as experiências do funcionamento concreto do pensamento comprovam que o psiquismo humano (mente) não funciona apenas da percepção imediata e de um encadeamento racional de idéias, mas também, nas imagens irracionais do sonho, da neurose ou da criação poética. (DURAND, 2001. p. 35)

A fantasia por sua vez, faz parte do universo do imaginário, e é definida por Corso como: “A paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção”.(CORSO; 2006 p. 17). Sendo assim, podemos dizer que a fantasia é indissociável da ficção e para que essa última exista de fato, precisamos continue existindo os leitores e neste caso dos pequenos leitores.

Dessa forma, podemos dizer que o imaginário é tudo que não podemos estabelecer fronteiras entre o real e o que é parte daquilo que estamos imaginando. Em relação à literatura podemos usar os termos verdadeiro e verossímil. Nesses termos percebemos que

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil.

fantasia e imaginário dentro desse contexto se equivalem, mas e quanto à indagação que origina essa discussão? Onde podemos encontrar o imaginário em nossas escolas?

Sem muito pensar e se essa indagação fosse feita e a resposta de imediato dada, poderíamos dizer que nas bibliotecas, pois é lá que a ficção deve estar, pois esse é o lugar dos livros. Mas, então realmente existe o lugar para o imaginário em nossas escolas? Se fosse assim simples, contudo sabemos que algumas escolas não têm bibliotecas em funcionamento. Aqui falamos principalmente de escolas públicas, as quais são beneficiadas pelo Programa Nacional do Livro, mas em contra partida não dispõe de recurso físico e humano para garantir o uso desse recurso.

Entretanto, é sim na biblioteca em funcionamento ou não, que a fantasia se encontra, dentro de cada bom livro, é dentro deles que estão a variada combinação de seres como: fadas, bruxas, gigantes malvados, florestas, pântanos além de muitas aventuras e amores. Mas, esses livros são abertos? Lidos? Bem, na maioria das vezes e de acordo com estatísticas sobre a leitura no nosso país pode-se afirmar que não. Mas, felizmente para toda regra encontramos exceção, e neste caso muitas vezes esses livros são abertos e os contos de fadas chegam aos pequenos, que esperam por fantasia e dela necessitam, assim afirma *Bruno Bettlheim em sua famosa obra, A psicanálise dos contos de fadas*: “[...] nada é tão enriquecedor e satisfatório para uma criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico. [...]” (BETTLHEIM; p. 13)

Por que contos de fadas? Porque a maioria dos livros da chamada literatura infantil, estão preocupados com o teor pedagógico que podem carregar, abordando lições como: cuidado com a natureza; lições básicas de higiene; boa educação no trânsito e etc... Contudo, é necessário lembrar que a literatura tem como princípio primordial transmitir prazer, fruição sem a preocupação do ensinamento em si, até pode corroborar com este último, mas não que este seja seu único objetivo. E os contos de fadas preservam o encantamento em suas histórias e, as nossas crianças continuam interessadas a desvendar os mistérios, e passar por momentos de medo. A curiosidade os impulsiona a querer ouvir e ler os contos de fadas, principalmente se neles encontrarem as bruxas más, os gigantes horrendos comedores de criancinhas etc. Para Diana e Mário Corso, os contos de fadas são para as crianças: “[...] recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa

imaginário que indica seu lugar na família e no mundo”. (DIANA & MÁRIO CORSO, 2009. p. 18).

Seguindo esta ideia, a ficção é o modo pelo qual podemos amparar as crianças em relação as suas angustias, ampliando o espaço da fantasia e do pensamento e assim certas verdades são colocadas frente a frente dos pequeninos, fazendo-os enfrentá-las de maneira suave e até natural.

Sobre este tópico, Durand afirma:

O imaginário define-se como re-presentação incontornável, a faculdade da simbolização de todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde cerca de um milhão e meio de anos que o homo erectus ficou em pé na terra. (DURAND, 2001, p. 117).

Sendo assim, a escola tem grande responsabilidade em oferecer e estimular o contato com a boa literatura infantil, principalmente naquelas instituições que se situam nas periferias das cidades e que por sua vez atendem aos filhos dos cidadãos não letrados e que não dispõem de recursos financeiros para aquisição de livros. Os filhos destes, só terão oportunidade de entrar em contato com a ficção, se suas escolas lhes oferecerem tal contato e perceberem o quão bem estão fazendo para o desenvolvimento psicológico e cognitivo dos educandos que atendem. Segundo Vygotsky a imaginação é a base para toda a atividade criativa se manifestando assim em todos os aspectos da vida cultural. Tal pensamento justifica-se no seguinte trecho:

A importância do trabalho criador ( imaginativo) se verifica no desenvolvimento da criatividade infantil, na evolução e no amadurecimento da criança, pois no plano imaginário podem ser observados os desenvolvimentos cognitivos, pelo raciocínio estimulado, assim como a memória além de uma amplitude nas noções de valores morais. (VYGOTSKY, 1996, p. 18).

O professor quando aproxima seus alunos da leitura e dos contos de fadas está na verdade abrindo a possibilidade de que os educandos possam elaborar e amadurecer sua própria linguagem literária e com isso também a escrita é favorecida, pois crianças escreverão como crianças e jamais como adultos em miniaturas.

Dessa forma, o imaginário infantil pode ser compreendido como um dos fatores construtores da personalidade das crianças, pois esse imaginário apela para modelos sociais fazendo com que a criança descubra-se em relação ao outro, elaborando o seu ideal de Eu, tendo por base as pessoas do seu convívio. Assim:

Vê-se, no futuro, no que poderia ser em comparação com os adultos que a rodeiam. A criança toma consciência do que é possível, mede a diferença entre imaginário e real. As imagens aparentes (impressões) que os outros passam servem de pontos de referencia para procurar o sentido de uma mutação de si próprios e para se transformar (POSTIC, 1992, p. 22).

Neste contexto percebe-se que pelo imaginário a criança descobre significações entre ela e o mundo, e as interioriza. Esta construção interna cheia de significações realiza o equilíbrio do ser na busca de sua autonomia. E este é o papel das escolas, favorecer a construção de seres autônomos e que tenham suas estruturas psicológicas e cognitivas desenvolvidas plenamente. E mal sabem, a maioria dos educadores, que entre tantas atividades pedagógicas imaginadas e pretendidas, o simples fato de proporcionar a leitura de qualidade, já estão cumprindo com parte de seu papel pois, de alguma forma, estão expondo seus alunos ao mundo fantástico da literatura que é ricamente significativo aos pequenos.

Os contos infantis partem de situações reais envolvendo emoções e situações comuns às crianças, tomemos como exemplo o conto “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, para as crianças de periferia a miséria retratada em tal conto não é plenamente real? Contudo, este tipo de história não segue as regras de tempo e espaço, já que ultrapassa seus limites sendo as personagens mágicas, como a bruxa malvada da casa de doces. Contudo, essas personagens são envolvidas num conflito em que precisam resolver situações que às

ameaçam e juntos personagens e leitores percorrem o caminho que leva a resposta definitiva para resolução do conflito estabelecido.

São muitos os conteúdos tratados nesse tipo de narrativa, muitas falam de medo, amor, carência, rejeição entre outros. Dessa forma o contato com tais contos levam as crianças encontrarem suas soluções pessoais já que se identificam com os personagens e com os conteúdos simbólicos destas histórias.

Contudo cabe salientar que o trabalho com os contos de fadas não deve ser pautado em atividades obrigatórias, como fichas de leitura ou algo parecido, assim o professor não estará auxiliando os seus alunos a encontrarem o mundo mágico dos contos de fadas, mas sim, os afastará pra sempre do maravilhoso universo da literatura. Pois, que fique claro, para trabalhar com literatura, não podemos utilizar métodos engessados, ao contrário, temos que dar liberdade de escolha sobre o que será lido e quando será lido, pois cada criança se atrairá a um determinado conto ou livro por conta de sua estrutura psíquica e suas vivências externas a escola, então por que obrigá-las a ler a mesma coisa e ainda fazer trabalhos repetitivos e pouco desafiadores? Ao contrário as atividades que trabalham com literatura infantil devem focar na discussão a cerca dos seus enredos, bem como, sobre a conduta das personagens etc. Assim as escolas estarão contribuindo com a formação de leitores críticos, capazes de receber tudo que uma boa história traz ao passo que estabelecerão relações mesmo que inconscientemente, a cerca de suas vidas. Assim as narrativas estarão tomando o lugar de “instrumento” facilitador da compreensão de mundo.

Partindo de todos os pressupostos apresentados é que a prática apresentada com o título referido no início desse texto: “O imaginário no contexto escolar”, foi proposta a um grupo de cinquenta e dois alunos, do quarto ano do ensino fundamental de uma escola pública da periferia da cidade de Novo Hamburgo – Vale do Rio dos Sinos.

A prática teve como primeiro objetivo aproximar as crianças à biblioteca escolar, desmistificando este espaço, mas em seguida, desdobrou-se em outros tantos objetivos como:

- Leitura de contos de fadas tradicionais e modernizados;

- Aproximação das crianças ao mundo dos contos de fadas, bem como de seus personagens;
- Estímulo à leitura de boas obras da literatura infantil e ao reconhecimento de bons autores infantis;
- Aproximação do mundo mágico que o imaginário infantil pode proporcionar através da contação de histórias pela professora;
- Aprimoramento da leitura e da escrita.

Entretanto, para atingir os objetivos mencionados, fez-se necessário a criação de uma atmosfera de encantamento para que houvesse de fato o interesse e a ligação mágica entre as crianças e o mundo encantado dos contos de fadas. Para isso, criou-se um laço imaginário com um dos personagens presentes em vários contos de fadas: Senhor Lobo Mau. A partir de um contato feito pela professora das classes em questão, o referido personagem nos colocou em contato com sua amiga Dona Bruxa e inclusive solicitou que esta nos fosse visitar, contudo os avisou que para manterem o contato com o mundo mágico dos contos de fadas teriam que intensificar as leituras, pois quem lhes dava a vida eram os leitores, principalmente as crianças.

A partir deste ponto iniciou-se um verdadeiro garimpo na biblioteca da escola, fizeram um levantamento dos volumes de contos de fadas que a biblioteca dispunha, além de títulos e outras obras que utilizariam. Todos os livros encontrados foram retirados pelas turmas envolvidas no projeto a fim de assegurar a leitura dos mesmos.

Certa aula estavam trabalhando na busca de uma primeira história a ser lida, quando de repente a Bruxa Malvada entra na sala de aula sem pedir licença mostrando-se muito braba com o seu amigo Lobo, pois este lhe pediu um favor descabido, ou seja, que ela entregasse um livro para uma turma de crianças “horrorosas”, segundo ela é claro.

É importante narrar como esse trabalho aconteceu, pois só a partir dele estas crianças tão endurecidas pelo contexto em que vivem foram capazes de se deixar sonhar e fantasiar e então dar significado a tantas situações que permeiam suas vidas.

Bem, retomando a narrativa da prática, a partir desta primeira visita a Bruxa passou a nos visitá-los sem aviso prévio, pegando-os de surpresa sempre. A cada visita uma nova sugestão de obra a ser lida. Neste um ano e meio de projeto já tiveram contato com grande parte dos contos de fadas, alguns em sua forma original, outros já mais brandos em relação ao universo infantil e também com alguns contos modernizados. Fizemos contra pontos com histórias que foram passadas para o cinema, analisando qualidade e a semelhança com a obra literária. Também passamos a observar que muitos desenhos animados usam da intertextualidade em relação aos contos de fadas, como exemplo, podemos citar Shrek para sempre, filme infantil, 2010, o qual, foram assistir no cinema o que, para a maioria, era uma experiência inédita.

Com o passar do tempo a bibliotecária da escola começou a ter dificuldades para atender todos os pedidos em relação a livros que os alunos gostariam de retirar, pois solicitavam títulos pelo nome dos autores, como por exemplo: Ruth Rocha; Eva Furnari; Maria Heloisa Penteadó; Pedro Bandeira, Ana Maria Machado, entre outros. Em seu relato a bibliotecária diz: “[...] nunca antes, tive tanta satisfação de procurar abastecer a biblioteca, pois as obras estão realmente sendo lidas, e o brilho nos olhinhos dos pequenos leitores me comove e orgulha [...]” (Professora Regina Noemia Machado).

A amiga imaginária que tínhamos passou a lhes escrever cartas, nestas ela nos narrava suas peripécias pelo mundo fantástico que vivia, nos falava de seus mascotes: sapos, aranhas e ratos, todos “bichinhos adoráveis” . E assim estabeleceu-se contatos via correio fantástico, quase que semanalmente. Em suas cartas contavam como estavam indo com as leituras, bem como, procuravam detalhes sobre alguns personagens e também sobre a vida das bruxas etc... Muito rico o momento de escrita dessas cartas, às vezes era, escritas coletivamente, em outros momentos, cada aluno escrevia a sua expondo suas leituras e dúvidas à grande amiga Bruxa.

Com o passar do tempo os alunos passaram a procurar outros livros, com histórias mais longas e também passamos à um outro gênero: poemas. Construimos a “poemateca”, a partir de poemas coletados pelos alunos e junto à biblioteca fizeram uma coletânea dos livros de poemas infantis e toda a semana desfrutavam de momentos de recitação de poemas, pequenos saraus. Foi escrito um poema em homenagem a nossa amiga Bruxa. E o

mais curioso, é que mesmo com a aproximação, a bruxa não deixou de todo a sua maldade e mantendo-se fiel a seu perfil e a maioria dos alunos continua com a fantasia bem viva em relação à origem da bruxa, ou seja, ela sai de dentro das histórias e para lá retorna após os contatos que temos. É muito gratificante ver que crianças expostas a todo tipo de risco social, na escola, conseguem de fato, ser criança em sua plenitude e sentir todo o prazer que a literatura pode proporcionar.

Os objetivos previstos no início da prática foram completamente alcançados e por isso, o projeto foi ampliado e os poemas oferecidos aos alunos. Os educandos se mostraram muito receptivos em relação a este gênero textual, tanto em relação à leitura, quanto a produção.

Levando em consideração que a infância é uma fase da vida que está diretamente ligada ao mundo da fantasia que tem relação direta com o imaginário, quando se é criança imaginar, criar, recriar, inventar e reinventar são situações que fazem parte do cotidiano. E a escola, desde sua invenção é lugar de crianças, então como podemos separar este ambiente dos processos imaginativos das crianças? É neste ambiente que as crianças se relacionam socialmente e que defrontam os seus valores com valores diferentes aos delas. Também é na escola que as crianças vão manter contato com adultos diferentes dos seus familiares e assim a sua autonomia vai se construindo. Portanto este é o ambiente de desenvolvimento de suas capacidades, do raciocínio e todo esse processo deve envolver a imaginação como componente curricular, pois como já constatamos a imaginação exerce papel fundamental e essencial na infância.

Só uma escola, que tenha claro em seu Projeto Pedagógico, a preocupação com o desenvolvimento global de cada pequeno indivíduo que nela inicia seu processo formal de educação, poderá atentar-se para a questão do trabalho bem planejado a cerca do imaginário infantil. É importante ressaltar, que quando falamos em universo infantil, não se trata apenas da educação infantil, estamos nos referindo a todos os anos de ensino fundamental. Claro que caberá ao professor adequar as obras e textos que serão trabalhados com a faixa etária de seus alunos, pois não é exclusivo da literatura infantil a fruição, qualquer obra literária de boa qualidade produz no leitor o deleite a cada página vencida. Por que então, não proporcionar tal prazer a todos os alunos sem distinção?

O que se pretendeu com essas palavras não foi encerrar uma discussão ou uma reflexão, mas iniciar uma acomodação e fazer com que todos aqueles interessados neste assunto reflitam a respeito do papel que o imaginário deve ocupar no cotidiano escolar. E que, enquanto educadores temos que entender que o aprender é um ato encantador, e se não o está sendo, é porque estamos deixando o imaginário de fora enquanto recurso e estratégia educacional.

A ausência de estímulos é causa comprovada da falta de motivação da maioria dos alunos, dessa forma cabe a instituição escolar rever seus conceitos e promover estratégias que possibilitem motivar seus alunos. Reavaliar os planos de estudos, promover mesas redondas entre colegas, exposição de trabalhos e a reflexão permanente a cerca da atuação pedagógica é o primeiro passo para a mudança há tanto tempo almejada em relação a qualidade do ensino no Brasil.

O professor deve adotar uma atitude provocativa, fazendo seus alunos refletirem sobre a construção do conhecimento. Proporcionar novas experiências que trabalhem com o lúdico e que contemplem os processos imaginativos, não é fácil, contudo torna tanto o aprender quanto ao ensinar atos encantadores. Portanto é na escola que a leveza e o prazer tão inerentes ao ato de ler e a literatura se perdem, dando espaço a metodologias endurecidas e cobranças acerca de resultados.

O prejuízo causado pela perda do interesse e curiosidade em relação à leitura é enorme e seus efeitos espalham-se por outras áreas do conhecimento, por exemplo: como compreender o que pede um problema matemático, se a leitura tornou-se algo detestável?

Cabe ao professor mostrar o “caminho das pedras” aos alunos e se possível acompanhá-los durante a jornada, pois os educandos terão a quem devolver seus crescimentos e suas descobertas. Uma vez descoberto tal caminho os estudantes se converterão em leitores e até pesquisadores e terão prazer em presentear todos aqueles que lhes incentivaram a fazer novas descobertas acerca da leitura e da literatura.

Só assim, estaremos provocando os nossos alunos à recusa das concepções da realidade fixa, ou seja, realidades pré-moldadas, prontas. Todos nós temos o dever de

buscar a construção do conhecimento de forma crítica, fazendo dos educandos cidadãos conscientes de suas responsabilidades e de seus direitos e com certeza essa tarefa pode ser iniciada desde cedo com a contribuição do imaginário presente na literatura infantil e que deve fazer parte do cotidiano escolar. Esse fazer parte é sem dúvida adentrar rumo ao “caminho das pedras”, desvendando segredos e mostrando o quão lindo é a paisagem do saber existente em cada livro aberto, em cada história contada. Contudo, sabemos que o percurso do aprendizado, qualquer que seja e neste caso o da leitura, solicita de todos nós professores muito mais que o básico. Pede que cada professor abra espaço em suas aulas para que os alunos tragam suas leituras e questione o conteúdo de tantas outras – nenhuma verdade é irrefutável, pois os saberes são múltiplos e os conhecimentos dinâmicos. Ser flexível e sensível as escolhas dos alunos, mostra o quanto o professor é respeitoso em relação a bagagem dos seus leitores/ alunos/ ouvintes. Para que isso tudo se torne realidade os professores correrão riscos como: risco de mais trabalho, risco de formulações no planejamento e principalmente risco de sair do fio condutor da situação e ainda risco de sair do óbvio e o maior de todos os riscos de conseguir estudantes mais questionadores e mais apaixonados pela literatura e donos de sua capacidade de fantasiar e imaginar.

## **Referências**

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CORSO, Diana L. & Mario. *Fadas no divã. A psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.
- LOIS, Lena. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica*. Tradução. Mário José Ferreira Pinto. Rio Tinto: Asa, 1992.
- VIGOTSKY, L S. *La imaginación y el arte em la infancia*. (Ensayo psicológico). 3. ed. Madrid, Espanha: Akal., 1996.